

2 Um olhar sobre o escritor dos Brigantes

Eu prevejo, e minhas previsões não falham, que suas histórias serão imortais. (Tradução livre)¹ – Plínio, O Jovem, sobre a obra historiográfica de Tácito.²

Um dos escritores latinos de maior relevância de que temos notícia é Cornélio Tácito. Sua relevância não se dá pura e simplesmente pelo alcance da sua obra na época em que viveu, mas também pela sua influência na Idade Moderna e na Contemporaneidade. Tácito foi lido, relido, interpretado e reinterpretado em diferentes locais, em diferentes períodos e por diferentes autores. É sobre este homem, escritor e político que iremos nos debruçar neste capítulo. Não apenas por sua importância enquanto escritor, mas por ser aquele que mais escreveu e forneceu informações sobre os Brigantes. Como o foco de nossa pesquisa é compreender como foi construída uma representação de Tácito sobre os Brigantes, este capítulo torna-se essencial, na medida que nos aproxima das “lentes” daquele que os leu e os traduziu em sua obra. Então, quem foi este homem que “disse os Brigantes”?

2.1 Tácito: vida, carreira e morte

Um dos primeiros mistérios sobre a vida de Tácito, mas que agora parece desvendado, diz respeito ao seu nome completo, que seria Públio Cornélio Tácito Cecina Peto (*Publius Cornelius Tacitus Caecina Paetus*). Estudiosos chegaram a essa conclusão após análise de um fragmento marmóreo³ encontrado em Villa Patrizi por W. Henzen. Ter nomes extras, além da *tria nomina*, seria algo perfeitamente possível e comum na alta sociedade romana. O “sobrenome” *Caecinia*⁴ provavelmente seria proveniente da família de sua mãe.⁵ Segundo Funari e Garraffoni:

O fragmento marmóreo (84 x 61 cm) constitui parte da lápide funerária do historiador, encontrada na Via Nomentana (Villa Patrizi), no atual Ministério de

¹ Citação original: Auguror nec me fallit augurium, historias tuas immortales futuras.

² Epístolas 7:33.

³ Ver Figura 1 deste capítulo.

⁴ O próprio Tácito cita algumas pessoas com este sobrenome em seus escritos.

⁵ BIRLEY, 2000, pp. 230-233.

Obras Públicas e perto da antiga fortaleza da Guarda Pretoriana. Quando completa, a inscrição devia estender-se por quatro metros e ter noventa centímetros de altura, o que daria comprimento de 18 palmos por 4 palmos de altura, com um palmus maior romano de 222 milímetros. A referência a titulatura (*quaestori Augusti*) permite datar a inscrição, pois tal cargo surgiu em meados do século I d.C. e ficou em uso até meados do segundo século. Também o estilo das letras indica essa mesma data e se coaduna com a época do historiador. Na mesma região, foram encontradas outras lápides de membros da família Cornelli, em particular os libertos do historiador ou de seus familiares diretos: Cornelius Europus (CIL VI 38241), Cornelius Demetrius (CIL VI 35026) e Cornelius Heorticus (CIL VI 38241a).⁶



Figura 1 - Lápide funerária de Tácito⁷

Embora tenhamos, na atualidade, bastante informação sobre a vida de Tácito, ainda pairam algumas dúvidas sobre sua biografia. Uma das grandes dúvidas diz respeito a data e ao local do nascimento de Tácito. Syme, por exemplo, declarou que Tácito possivelmente teria nascido logo após a ascensão de Nero, o que se deu no ano de 54 d.C.⁸ Contudo, os historiadores costumam discordar sobre o ano preciso de seu nascimento. De acordo com Pagán, o ano de nascimento de Tácito teria sido entre 56 e 57 d.C.:

⁶ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 90.

⁷ Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/22/Tacitus%2C_Sepulchral_Inscription.jpg>

. Acesso em: 21 mar. 2017.

⁸ SYME, 1968.

[...] o ano e o local do nascimento de Tácito são desconhecidos; Com base nas datas de seus cargos públicos, pode-se razoavelmente inferir que ele nasceu em 56 ou 57 CE. Ele teria sido um adolescente em 69, quando o mundo romano foi devastado pela guerra civil.⁹ (Tradução livre)¹⁰

Embora muitos compactuem com a ideia de que Tácito nasceu entre 55 e 57 d.C., nós iremos adotar o ano de 58 d.C. como possível data para o nascimento de Tácito. O ano de 58 d.C. é o ano estabelecido por Birley¹¹ e também aceito por Funari e Garraffoni. Este ano estaria de acordo com a descrição e as datas dos cargos que Tácito teria ocupado e sobre os quais falaremos mais adiante.¹²

Embora haja dúvidas sobre o local preciso do nascimento de Tácito, é provável que ele seja advindo de uma família equestre da região da Gália Bélgica¹³. Plínio O Velho, mencionou em seus escritos um procurador da Gália Bélgica, também chamado “Cornélio Tácito”, que para muitos seria o pai do escritor Cornélio Tácito.¹⁴ Sobre isso nos fala Benario:

Tácito nasceu em meados dos anos cinquenta, talvez no norte da Itália, mais provavelmente no sul da Gália, em uma família equestre. Um procurador imperial na Gália Bélgica (a parte da Gália mais próxima da Germânia), chamado Cornélio Tácito, foi mencionado por Plínio, o Velho (N.7.76). Este homem era, com toda a probabilidade, o pai do historiador e pode muito bem ter sido responsável pelos interesses do filho nas províncias romanas, sobretudo na Britânia e na Germânia.¹⁵ (Tradução livre)¹⁶

Ronald Syme também se posiciona a favor da ideia de que este procurador seria o pai de Tácito:

É claro que o cavaleiro romano desse nome, agente financeiro do governo na Gália Bélgica e nas duas Germânias, é o pai do senador. No prefácio de *Historiae*, Tácito afirma claramente que ele deve sua posição ao Imperador Vespasiano. Estes Cornelli

⁹ PAGÁN, 2012, p. 3.

¹⁰ Citação original: [...] the year and place of Tacitus' birth are unknown; based on the dates of his public offices, it can be reasonably inferred that he was born in 56 or 57 CE. He would have been a teenager in 69, when the Roman world was ravaged by civil war.

¹¹ BIRLEY, 2000, p. 236.

¹² FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 91.

¹³ Ver Figura 2 deste capítulo.

¹⁴ BIRLEY, 2000, pp. 233-234.

¹⁵ BENARIO, 2012. p. 101.

¹⁶ Citação original: Tacitus was born in the mid-fifties, perhaps in northern Italy, more likely in southern Gaul, into an equestrian family. An imperial procurator in Gallia Belgica (the part of Gaul closest to Germania) named Cornelius Tacitus was mentioned by Pliny the Elder (*Nat. 7.76*). This man was, in all likelihood, the historian's father and may well have been responsible for the son's interests in Roman provinces, above all Britain and Germany.

são uma nova família, crescendo através do serviço dos Césares e descobertos no momento da transição.¹⁷ (Tradução livre)¹⁸

Mellor também aceita o argumento de Syme de que Tácito seria filho de um “oficial financeiro”, advindo de uma proeminente família de uma região extremamente “romanizada” da Gália.¹⁹ Sendo assim, percebemos que há um certo consenso sobre o fato do escritor Tácito ser filho deste procurador romano da Gália Bélgica.

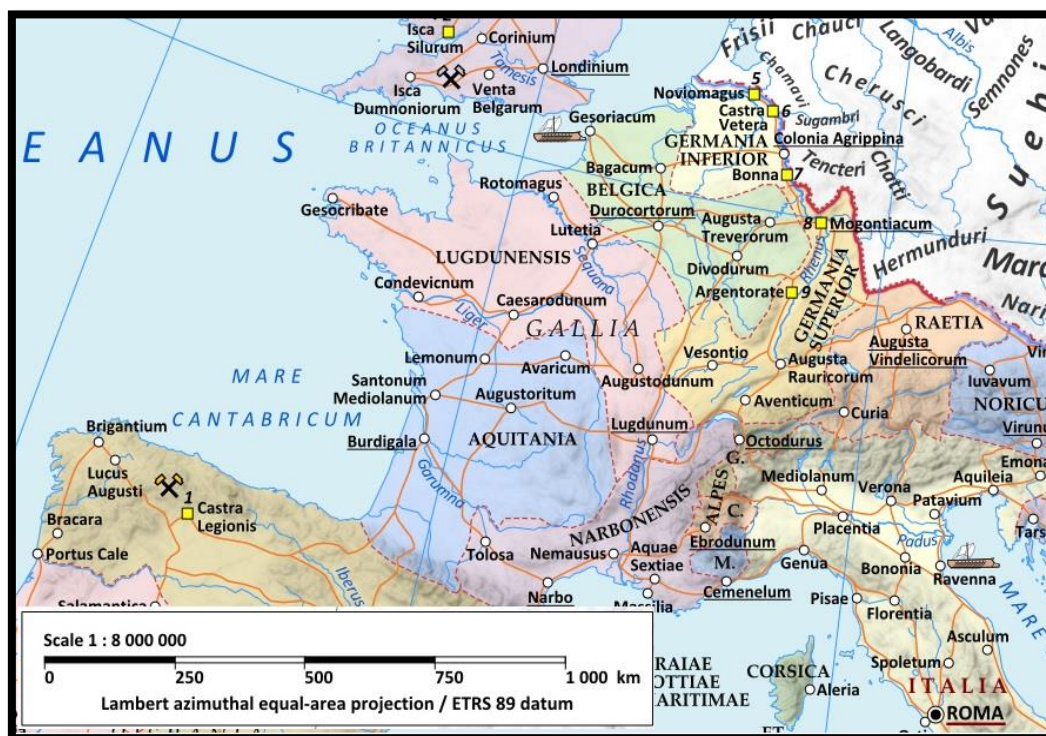


Figura 2 - Mapa da parte ocidental do Império Romano²⁰

Ainda de acordo com Mellor, após a Guerra Civil de 69, o Imperador Vespasiano teria introduzido muitos “espanhóis” e gauleses no Senado romano. “Provincianos se dirigiam a capital para guiar o destino do Império”.²¹ ²² Desta

¹⁷ SYME, 1968, p. 613.

¹⁸ Citação original: It is clear the the Roman knight of that name, financial agent of the government in Gallia Belgica and the two Germanies, is the parent of the senator. In the preface to the *Historiae* Tacitus plainly states that he owes his rank to the Emperor Vespasian. These Cornelli are a new family, rising through the service of the Caesars and discovered at the moment of transition.

¹⁹ MELLOR, 1994, p. 6.

²⁰ Adaptado pelo autor deste trabalho. Mapa original disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Roman_Empire_125_political_map.svg>. Acesso em: 21 mar. 2017.

²¹ Citação original: Provincials were streaming into the capital to guide the destiny of the Empire.

²² MELLOR, 1994, p. 6-7.

forma podemos compreender que a família de Tácito fez parte deste movimento de provincianos que conseguiram ascender politicamente, chegando a ocupar altos cargos distribuídos pelo poder central romano.

Mesmo tendo origem familiar provinciana, tudo indica que Tácito teve pelo menos parte de sua formação educacional em Roma.²³ É provável que Tácito tenha tido uma educação bilíngue, já que era comum, desde meados do século II a.C., que os romanos da elite tivessem o grego como idioma de cultura.²⁴ Tácito que havia sido beneficiado pela ascensão social²⁵, muito provavelmente teve uma educação nestes moldes. Além do mais, sabemos que a oratória e a retórica serviram como base para a educação romana. Uma formação retórica era importante, já que os romanos estavam constantemente envolvidos em disputas políticas. Desta forma, era interessante que os jovens provenientes de famílias prósperas e influentes passassem também por este tipo de formação, quer seja através do sistema educacional “formal”, ou ainda através de um tutor. De acordo com Rutledge:

A oratória e a retórica serviram de base à educação romana; Elas eram também a maneira que um jovem poderia inicialmente fazer sua marca no mundo (algo que Vipstano Mesala observa, 34.7). Lembramos que Cícero fez seu primeiro respingo no cenário político por sua defesa de Roscio (que constituiu um desafio indireto ao perigoso senhor da guerra, Sula) e sua acusação contra Verres. Seu contemporâneo, César, perdeu seu caso contra um nobre proeminente (Dolabella) e foi obrigado a empreender mais estudos com professores de retórica no Oriente. A importância da Oratória permaneceu no império, daí as preocupações de Tácito e Plínio com a retórica, indicadas pela menção de Tácito em suas obras históricas de talentos como Domício Afer (An. 4.52.1) e Galero Trachalo (Hist. 1.90.2), bem como as habilidades retóricas de imperadores individuais (Ann. 13.3); Igualmente a narrativa é o trabalho e a posição de Quintiliano como tutor imperial (Inst. 4 pref. 2). Consequentemente, a possibilidade de declínio da oratória, para alguns romanos, implicava um desafio à *dignitas* senatorial, se não mesmo à *auctoritas* e merecia maior exploração.²⁶ (Tradução livre)²⁷

²³ PAGÁN, 2012, p. 3.

²⁴ FUNARI; GARRAFONI, 2016, p. 39.

²⁵ FUNARI; GARRAFONI, 2016, p. 42.

²⁶ RUTLEDGE, 2012, p. 70.

²⁷ Citação original: Oratory and rhetoric served as the basis for Roman education; they were also the way a young man could initially make his mark in the world (something Vipstanus Messalla notes, 34.7). We recall that Cicero made his first real splash on the political scene by his defense of Roscius (constituting an indirect challenge to the dangerous warlord Sulla) and his prosecution against Verres. His contemporary, Caesar, lost his case against a prominent noble (Dolabella) and was obliged to undertake further study with professors of rhetoric in the East. Oratory's importance abided into the empire, hence Tacitus' and Pliny's concerns with rhetoric, indicated by Tacitus' mention in his historical works of talents such as Domitius Afer (Ann. 4.52.1) and Galerius Trachalus (Hist. 1.90.2), as well as the rhetorical abilities of individual emperors (Ann. 13.3); equally tell - tale is Quintilian's work and position as imperial tutor (Inst. 4 pref. 2). Consequently, the possibility

Alguns acreditam que Tácito, assim como Plínio O Jovem, tenha sido aluno do famoso educador e orador Quintiliano, que viveu boa parte de sua vida em Roma durante o século I. O fato é que a obra “Diálogo dos Oradores” nos mostra que Tácito estava inserido nesse universo. Ele não só apresenta um debate entre alguns oradores que conhecia, mas também fala que teve a oportunidade de ouvir notáveis oradores quando ainda era bem jovem.

[...] se tivesse de trazer aqui a minha opinião e não apenas de repetir as palavras de homens, para nosso tempo eloquentíssimos, que, sendo ainda bastante jovem, ouvi tratar desta mesma questão. Portanto, não preciso de talento, mas de memória e de lembranças, para que tudo o que escutei a varões notabilíssimos [...].²⁸

Portanto, a própria fala de Tácito em sua obra nos esclarece que o autor teve uma formação retórica. Algo que obviamente veio a ser importante não apenas para o desenvolvimento de suas capacidades enquanto escritor, mas também para a sua carreira política, já que as funções que ele veio a exercer durante a sua vida lhe exigiam um potencial retórico apurado.

Voltando a falar da vida familiar de Tácito, sabemos também que o mesmo foi casado com Júlia Agrícola, filha do general romano Cneu Júlio Agrícola, que atuou na Britânia provavelmente entre os anos de 77 e 78 d.C. Sobre o matrimônio de Tácito, existe a aceitação de que o mesmo se casou com Júlia quando ainda era muito jovem, por volta de seus 18 anos de idade.²⁹ “Foi sendo cônsul que me considerou, a mim tão jovem, noivo da filha, já de grande futuro, dando-ma depois do consulado, e tomando logo o governo da Britânia, a que se juntou o sacerdócio do pontificado.”³⁰ A obra de Tácito não nos oferece maiores detalhes sobre seu matrimônio. No entanto, basicamente o que sabemos sobre a vida de seu sogro Cneu Júlio Agrícola foi escrito pelo próprio Tácito em sua obra “Vida de Agrícola”, sobre a qual falaremos mais adiante.

Temos assim um pequeno quadro sobre a vida familiar de Tácito, o que nos mostra que ele estava rodeado por pessoas que tinham uma vida política ativa e que o mesmo estava inserido em um conjunto familiar que possivelmente possibilitou que ele tivesse a carreira importante que teve. Estar inserido dentro de uma família

of oratory’s decline, for some Romans, implied a challenge to senatorial *dignitas* if not even *auctoritas* and merited further exploration.

²⁸ Diálogo dos Oradores I.

²⁹ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 91.

³⁰ Vida de Agrícola 9.

influyente seguramente deu a Tácito condições de trilhar a carreira política que ele percorreu. Uma carreira bem variada, diga-se de passagem.

Sabemos que no ano 76 d.C. Tácito se tornou decênviro³¹, ou seja, exerceu a magistratura, função muito importante em Roma. Entre os anos de 77 e 79 d.C. ele se tornou tribuno militar, exercendo esta função que era ao mesmo tempo política e bélica. Após este período como tribuno militar, Tácito retorna a Roma e é eleito questor, um cargo administrativo, normalmente exercido por jovens e que abria as portas para a chegada ao Senado Romano. Após tomar posse em 80 d.C., Tácito exerceu o cargo de questor em 81 e 82. Após este período Tácito consegue ascender na carreira e chega a Tribuno da Plebe, função que exerceu entre os anos de 84 e 85. Em 88, Tácito passa a *Praetor*³² e a ser um dos *quindecimviri sacris faciundis*³³, onde teve como função principal organizar os jogos seculares. Por volta de 89 e 90 d.C., Tácito deixa Roma por cerca de três anos, provavelmente para comandar alguma legião nas proximidades do Reno ou do Danúbio. Já no ano de 93 d.C., sabemos que Tácito estava de volta a Roma, atuando no Senado em julgamentos de traição.³⁴

Entre os anos de 94 e 97 d.C., Tácito foi provavelmente governador de alguma província pretoriana. Nomeado por Nerva, ele chegou ao consulado no ano 97. Atuou também no processo contra Mário Prisco, entre 99 e 100 d.C. Existe a possibilidade de que Tácito, no início de século II, tenha dirigido alguma província consular. E que, entre os anos de 112 e 113, o mesmo tenha exercido também o cargo de Procônsul.³⁵

Percebemos então, que Tácito teve uma carreira agitada, exercendo diversos cargos desde a sua juventude até a sua velhice. Experiência que certamente influenciou a sua obra, já que o autor, mesmo que de forma implícita, sempre se manifesta dentro um contexto no qual está inserido.

Embora Tácito tenha escrito uma obra biográfica, uma etnográfica e uma abordagem mais filosófica sobre a oratória, foi em “Histórias” e em “Anais” que ele desenvolveu seu trabalho historiográfico *stricto sensu*.³⁶ Algo realizado quando

³¹ O decenvirato era uma forma de magistratura na Roma Antiga. Normalmente com um caráter de fiscalização.

³² Pretor: um dos títulos de magistrado.

³³ Um dos quinze membros (quindecimvirato) do colégio responsável pelos “fatos sagrados”.

³⁴ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, pp. 91-94.

³⁵ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, pp. 91-94.

³⁶ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, pp. 94-102.

já era um político largamente experiente. Abordaremos suas obras de uma forma mais detalhada um pouco mais adiante. Sobre a morte de Tácito nada sabemos, mas é provável que tenha ocorrido durante o início do governo de Adriano³⁷.

2.2

Obra literária e vida política de Tácito: possíveis interfaces

Para que entendamos um pouco sobre o escritor que “disse os Brigantes” é importante que averiguemos também o período em que este viveu e em que momentos de sua vida ele produziu sua obra. Tácito viveu durante parte do período que ficou conhecido como “Alto Império”, mais precisamente durante parte dos dois primeiros séculos da Era Cristã, época que Alföldy afirmou ser a “mais florescente da história política de Roma.”³⁸

Os dois primeiros séculos do Império, desde o governo de Augusto 927 a.C. – 14 d.C.) até aproximadamente ao reinado de Antonio Pio (138-161), constituíram a época mais florescente da história política de Roma. Foi nesta época que o *Imperium Romanum* não só atingiu a sua máxima extensão geográfica, como também viveu um período relativamente pacífico, quer a nível interno quer nas suas fronteiras. Aliás, esta época representa também, de certa maneira, o apogeu da história da sociedade romana, embora nela não surgissem, tal como não haviam surgido nos finais da República, formas completamente novas de relações sociais que pudessem, por si só, modificar radicalmente a estrutura social do mundo romano, já que, de um modo geral, a estrutura econômica manteve-se inalterada nos seus traços mais significativos.³⁹

Este foi também um período de integração das Províncias e de seus habitantes e de “implantação da monarquia imperial como forma de enquadramento político mais adequado a sociedade romana”.⁴⁰ São essas monarquias imperiais que irão nortear a política do “Alto Império”.

Ao analisarmos a Tabela 1, podemos perceber que Tácito viveu em um período que contempla os governos de três diferentes dinastias (júlio-claudiana, flaviana e antonina), fora o famoso “ano dos quatro imperadores”. Isso implica dizer que ele passou, em sua vida, por diferentes experiências no que tange ao modo de governar dos imperadores e das formas de estabelecer as relações políticas.

³⁷ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 94.

³⁸ ALFÖLDY, 1989, p. 110.

³⁹ ALFÖLDY, 1989, p. 110.

⁴⁰ ALFÖLDY, 1989, p. 110.

*58 d.C.: Possível ano do nascimento de Tácito +123 d.C.: Possível ano da morte de Tácito
Imperadores da época de Tácito:
Dinastia júlio-claudiana Nero: Outubro de 54 d.C. – 11 de Junho de 68
Ano dos 4 imperadores: Galba: 8 de Junho de 68 – 15 de Janeiro de 69 Otão: 15 de Janeiro de 69 – 16 de Abril de 69 Vitélio: 17 de Abril de 69 – 22 de Dezembro de 69 Vespasiano: 20 de Dezembro de 69 – 24 de Junho de 79
Dinastia flaviana Vespasiano: 20 de Dezembro de 69 – 24 de Junho de 79 Tito Flávio: 24 de Junho de 79 – 13 de Setembro de 81 Domiciano: 14 de Setembro de 81 – 18 de Setembro de 96
Dinastia antonina Nerva: 18 de Setembro de 96 – 27 de Janeiro de 98 Trajano: 28 de Janeiro de 98 – 7 de Agosto de 117 Adriano: 11 de Agosto de 117 – 10 de Julho de 138

Tabela 1 - Cronologia de Imperadores do período em que viveu Tácito

Antes de prosseguirmos, é importante lembrar que os regimes dos césares tinham especificidades, características que os diferenciavam das realezas medievais e modernas, por exemplo. De acordo com Veyne:

O regime dos césares era muito diferente das monarquias com que estamos mais familiarizados, ou seja, a realeza medieval e moderna; não fosse pela ausência de uma verdadeira hereditariedade familiar do trono, pensaríamos antes no Império Otomano. Um rei do Antigo Regime era proprietário, por herança, de um reino que constituía seu patrimônio familiar; a ficção da família e da herança era aceita pacificamente e perpetuou-se com assombrosa facilidade. O imperador romano, por sua vez, exercia um cargo de alto risco: ocupava o trono não como proprietário, mas como mandatário da coletividade, e era por esta encarregado de dirigir a República – do mesmo modo como, dizem-me, os califas eram os mandatários da comunidade de crentes, enfrentando os mesmos conflitos sanguíneos a cada alternância de reinado. Claro que a coletividade que delegava poder ao imperador não passava de uma ficção, de uma ideologia, mas bastava a existência dessa ficção para impedir que seu suposto representante tivesse a legitimidade de um rei, uma legitimidade vinculada à sua pessoa inviolável.⁴¹

⁴¹ VEYNE, 2009, p. 1.

Nesse sentido, podemos concordar com Veyne, quando ele diz que “o poder imperial é, portanto, uma delegação, uma missão confiada a um indivíduo pretensamente escolhido ou aceito pelo povo romano”⁴², mas claro, com todas as ressalvas possíveis, já que bem sabemos que durante a história do Império Romano houve diferentes tentativas de “golpes de Estado”, motivados por conflitos entre os grupos políticos que buscavam ter o controle do poder estatal. Algumas, inclusive, obtiveram êxito. Observamos então uma série de rupturas entre imperadores e dinastias, algo que não é diferente no período em que viveu Tácito. No Império Romano, “ocorre institucionalmente uma descontinuidade entre os imperadores, como entre magistrados que se sucedem no mesmo cargo.” Até mesmo a continuidade das medidas tomadas por algum imperador, após a sua morte, dependia da chancela do novo imperador para que continuassem a ter validade.⁴³ Não havia no Império Romano o direito natural e hereditário de que um filho assumisse após a morte do pai. “Qualquer cidadão dedicado, visando ao bem comum, podia aspirar ao trono, desde que se impusesse – e que se tratasse de um senador, “ilustríssimo”, e não fosse de origem grega, nem, mais tarde, germânica.”⁴⁴ Portanto, a chegada ao poder central romano não dependia da origem étnica, salvo as exceções citadas acima. Mesmo em seus tempos mais remotos, Roma já havia sido governada por estrangeiros, ainda que às vezes sob fortes protestos dos patrícios.⁴⁵

Todavia, embora, em certo momento da história de Roma, a cidadania romana tivesse sido conferida a pessoas advindas de diferentes regiões do Império, é preciso deixar claro que, comparado com o número da população total, o número de cidadãos na época de Tácito era um número muito menor. E mesmo quando a Constituição Antonina de 212 d.C. concede cidadania a todos os livres do Império, com exceção dos *dediticci*⁴⁶, o status de “cidadão romano” continuava sendo um grande diferencial.⁴⁷ Contudo, o período que nos interessa é o período da vida de Tácito, ou seja, anterior a Constituição Antonina de 212. Visto que os cidadãos

⁴² VEYNE, 2009, p. 1.

⁴³ VEYNE, 2009, p. 1.

⁴⁴ VEYNE, 2009, p. 2.

⁴⁵ ROULAND, 1997, pp. 21-58.

⁴⁶ Condição de um povo conquistado (em rendição incondicional), que não perdia a liberdade individual, mas seu poder de participação política.

⁴⁷ NICOLET, 1991, pp. 22-24.

formavam um grupo social distinto e privilegiado⁴⁸, podemos perceber que isso restringia de forma radical o acesso de determinados setores da população aos meios políticos legais e dessa forma o poder central romano estava nas mãos de um grupo restrito. De acordo com Nicolet:

No entanto, a cidadania, mais do que ser um modo de vida e talvez, em certas épocas, uma espécie de “ofício”, é sobretudo, e sê-lo-á sempre, um estatuto jurídico: em latim diz-se *ius*. Para mais, trata-se do *ius* por excelência, aquele que, sendo aplicável a todos, é definido como *ius civile*, o “direito dos cidadãos”; não esqueçamos, porém, que em latim esse adjectivo acabou por significar não tanto as obrigações ou as vantagens políticas, mas, simplesmente, o direito privado e o direito penal. **Afinal, o direito à cidadania romana significa, acima de tudo, que aqueles que o possuem verão as suas relações pessoais, familiares, patrimoniais e comerciais reguladas – e os seus litígios ou delitos julgados – segundo um direito comum.** É o ideal da cidade antiga: Platão e Aristóteles tinham-no expressado em termos filosóficos que foram depois retomados por Cícero, que os aplicou sem dificuldade ao caso de Roma. Por conseguinte, e ao que parece, a igualdade perante a lei é o fundamento (e também o objectivo) dessa forma de associação (a mais ampla de todas as que existem) que é a cidade. Igualdade perante a lei não significa, naturalmente, que todos têm a mesma posição e os mesmos direitos: há diferenças inevitáveis, devidas à natureza ou ao património; a cidade, comunidade de direito, adapta-se muito bem a isso.⁴⁹

O cidadão romano era então aquele que tinha direitos e deveres perante as leis romanas. Ele era aquele que tinha o poder da palavra. Somente os cidadãos podiam estar envolvidos na política. Porém, para se alcançar altos cargos, ou por exemplo, para se chegar ao Senado não bastava ser somente um cidadão comum, mas possuir prestígio suficiente para isso. E quando falamos em prestígio, leia-se aí, prestígio baseado em património e boas relações políticas, inclusive familiares.⁵⁰ Talvez aí um dos combustíveis que empurrou Tácito rumo a altos postos do Estado Romano. Ele não só teria sido filho de um político romano, mas também genro de Agrícola, que ocupou importantes cargos militares e administrativos.

Voltando novamente a nossa análise sobre o período da vida de Tácito, percebemos que ele viveu até os seus 10 anos de idade quando o Império Romano era governado por Nero. Pela idade, é provável que Tácito tenha tido alguma lembrança direta as notícias dos últimos anos de governo de Nero. No entanto, de forma indireta, ele certamente recebeu maiores informações sobre aquele período. Em “Anais”, Tácito reconhece que o governo de Nero foi um período de censura

⁴⁸ NICOLET, 1991, pp. 24.

⁴⁹ NICOLET, 1991, p. 24.

⁵⁰ NICOLET, 1991, pp. 21-48.

para os escritores que, por medo, teriam falseado as informações sobre o Imperador.⁵¹ Isso faz transparecer que o período do governo de Nero não deixou boa impressão para Tácito, para sua família, ou para o grupo de pessoas do círculo social que o mesmo frequentava.

Pois bem, após a deposição de Nero, tivemos o chamado “ano dos 4 imperadores”, quando Tácito tinha cerca de 11 anos de idade. É provável que ele também tenha acompanhado as notícias desse período de indefinição política em Roma. Porém, em 69 d.C., o jovem Tácito vê subir ao poder Vespasiano, que era visto por alguns como o “salvador designado pelos deuses”⁵² e que ficaria no trono por dez anos, ou seja, até Tácito atingir cerca de 21 anos. Com a chegada de Vespasiano ao poder, este inicia uma nova dinastia chamada de “flaviana”. No período de seu governo o Imperador Vespasiano construiu um fórum⁵³ e seu filho Tito concluiu a Guerra da Judéia, ficando famoso por este feito.

Foi provavelmente durante o governo de Vespasiano que Tácito deve ter ouvido os ilustres oradores que relata em “Diálogo de Oradores”⁵⁴ Algo que parece ter marcado profundamente a sua vida. Não podemos nos esquecer que este também foi o período em que Tácito se casou com a filha de Agrícola e que entrou para o Senado. Assim como foi sob o governo de Vespasiano que Agrícola atuou na Britânia.⁵⁵ Portanto, esse período apresentou uma série de novidades na vida do jovem Tácito. Um período de mudanças no que tange à sua vida privada e política. Após a morte de Vespasiano, seu filho Tito governou Roma por dois anos. Em um período marcado por catástrofes como a erupção do Vesúvio.

Com certeza tais acontecimentos agitaram Roma naqueles anos. Mais ou menos o período em que Tácito atuou como questor. Após a morte de Tito, seu irmão, Domiciano, assumiu o posto máximo do Império. Domiciano foi Imperador de 81 a 96. Um longo período de cerca de quinze anos, onde Tácito exerceu seu segundo ano como questor, foi eleito tribuno da plebe, atuou como pretor e depois provavelmente como governador de alguma província. Domiciano, o último imperador da dinastia flaviana, foi, de acordo com Grimal, um imperador que fez grandes construções e que odiava os senadores:

⁵¹ Anais 1:1.

⁵² GRIMAL, 2011, p. 152.

⁵³ GRIMAL, 2011, p. 141.

⁵⁴ Diálogo dos Oradores 1.

⁵⁵ FUNARI; GARRAFFONI, p. 91.

Grande construtor, Domiciano reparou os estragos causados pelo grande incêndio do reinado de Tito; concluiu a construção do Coliseu, continuou a série de fóruns imperiais e deu aos imperadores um palácio magnífico, no Palatino. Mostrou-se igualmente ativo nas fronteiras, na Britânia, na Germânia, mas no fim da vida conheceu o medo, um terror doentio das conjurações. Além disso, odiava os senadores, porque eles o desprezavam e ele sabia que, no passado, eles haviam adulado os príncipes, enquanto se preparavam sorrateiramente para assassiná-los. Finalmente, ocorreu o que Domiciano temia. Sua própria mulher conjurou contra ele, que morreu, sob os golpes de seus próprios oficiais. Com ele pedia a segunda dinastia romana.⁵⁶

Domiciano não apenas foi odiado pelos senadores, mas também por aqueles que se dedicavam a escrever. Mesmo sendo adulado por parte dos escritores durante a sua vida, é na fase posterior a sua morte que podemos perceber o que cada um realmente pensava dele.⁵⁷ “Basta comparar o que Marcial escreveu de Domiciano vivo e de Domiciano morto.”⁵⁸ Esta prática parece ser comum durante o Império Romano, já que falar mal de autoridades vivas poderia trazer consequências indesejáveis como a retirada de cargos, ou até mesmo a morte. Paul Veyne esclarece que havia dois extremos que acabavam descambando tanto para um discurso de servilismo, no caso do Imperador retratado em um texto estar vivo, quanto para um discurso de ódio e rancor, nos casos em que o Imperador já estivesse morto:

A descontinuidade entre soberanos sucessivos era tal que, sem qualquer consideração pelo princípio monárquico, o nível de servilismo da linguagem usada para referir-se a um imperador reinante só se igualava ao grau de desprezo ou rancor com que se podia falar (impunemente) dele no dia seguinte à sua morte – basta comparar o que Marcial escreveu de Domiciano vivo e de Domiciano morto. Dirigindo-se a Trajano, Plínio menciona as falhas de seus predecessores; dirigindo-se a Teodósio, o talentoso e corajoso Libânio elogia Licínio e chama Constâncio II de “fantoche”.⁵⁹

O próprio Tácito, mesmo tendo tido uma grande ascensão sob o governo de Domiciano⁶⁰ queixou-se do mesmo por sua censura. Uma prova de que o servilismo poderia estar não apenas no ato de discursar, mas também no ato de silenciar a palavra.

Mas, que havemos de fazer se, durante quinze anos, tempo grande em vida de mortal, desapareceram muitos por acaso da sorte, os mais decididos, porém, pela crueldade do Príncipe, e só poucos e, por assim dizer, como que sobrevivendo já não aos outros mas a nós próprios, ficámos sem ter no meio da vida aqueles anos pelos quais

⁵⁶ GRIMAL, 2011, pp. 156-157.

⁵⁷ GRIMAL, 2011, p. 156.

⁵⁸ VEYNE, 2009, p. 1.

⁵⁹ VEYNE, 2009, p. 1.

⁶⁰ As Histórias 1:1.

chegamos, no silêncio, jovens à velhice e, se já velhos, ao próprio termo do tempo a nós marcado.⁶¹

Após a morte de Domiciano, quem assumiu o trono do Império Romano foi Nerva, que governou de 96 a 98. Este deu início a dinastia antonina. Uma nova dinastia que regeu Roma e que trouxe um período praticamente ininterrupto de cem anos de “paz” ao Império. Nerva, ao contrário de Domiciano, embora tenha tido um governo curto deixou uma boa impressão. Quando assumiu, ele era visto como um homem justo e sábio. O governo de Nerva aliviou a carga tributária e concedeu anistia para alguns refugiados do governo anterior. O início da escrita de “Vida de Agrícola” é atribuído a este período. Um novo momento, que apresentava características diferentes do anterior, principalmente no que tange à liberdade para escrever. Segundo Tácito, “o Imperador Nerva havia ligado de novo o que anteriormente era incompatível, império e liberdade”.⁶² Isso demonstra que o escritor nutria certa admiração por este governo, que teria alterado os rumos da vida romana. De acordo com Grimal, Nerva provou sua sabedoria até mesmo ao escolher o seu sucessor.⁶³

Trajano, o Imperador que sucedeu Nerva, governou de 98 a 117. Ele foi o primeiro imperador oriundo das províncias.⁶⁴ Os escritos de Tácito apontam que foi durante o governo de Trajano que ele concluiu “Vida de Agrícola”. Foi também em meio a este período que Tácito, que já tinha mais de 40 anos, deu início a sua pesquisa em caráter *stricto sensu*, já que entre 105 e 110 escreveu “As Histórias” e de 111 a 123 escreveu “Anais”. O governo de Trajano foi um período onde Tácito não apenas aprofundou seu trabalho como historiador, mas também é provável que tenha dirigido uma província consular e tenha exercido o cargo de Procônsul. O período do governo de Trajano foi marcado, entre outras coisas, pela construção do Fórum de Trajano, pela criação de bibliotecas e por ser um período de paz. Para Tácito, o governo de Trajano possibilitou que o período de felicidade iniciado ainda durante o governo de Nerva aumentasse dia após dia.⁶⁵ “Tempos felizes e raros, nos quais se pode pensar livremente e dizer o que se pensa”⁶⁶, ele disse.

⁶¹ Vida de Agrícola 3.

⁶² Vida de Agrícola 3.

⁶³ GRIMAL, 2011, p. 159.

⁶⁴ ALFÖLDY, 1989, p. 119.

⁶⁵ Vida de Agrícola 3.

⁶⁶ As Histórias 1:2.

É exatamente neste período dos governos de Nerva e Trajano que Tácito desenvolve a maior parte das obras⁶⁷ onde ele apresenta informações sobre a Província da Britânia e sobre os povos que lá viviam. Incluindo aí os Brigantes.

Após a morte de Trajano, seu sucessor Adriano, governou entre 117 e 138, tendo sido este o imperador que fez parte dos últimos anos da vida de Tácito. Período em que o escritor concluiu a sua obra “Anais”. Segundo Pierre Grimal, Adriano era um “grande viajante, apaixonado pelas coisas gregas, e que reuniu em sua cidade de Tibur, perto de Roma, todas as paisagens célebres do Império”.⁶⁸ Sobre Adriano, não há nenhum registro que comprove que Tácito tenha escrito algo. No entanto, é possível que tenha feito isso nas entrelinhas⁶⁹, já sugerindo e prefigurando a ascensão do mesmo.⁷⁰

Embora alguns historiadores da Antiguidade tenham deixado, através de suas obras, uma má impressão sobre boa parte dos governos destes imperadores do primeiro século do Império Romano, devemos reconhecer que eles foram reconhecidos por milhões de pessoas e contribuíram para consolidar e fortalecer o Império. Segundo Grimal:

Os historiadores antigos, e especialmente Tácito, conservaram para nós a lembrança dos distúrbios que agitaram o círculo do Imperador e a própria cidade de Roma; foram muito mais discretos sobre o conjunto do Império, e se, lendo suas obras, temos a impressão de que a história do primeiro século do regime imperial não é senão um tecido de abominações e de crimes, isso não nos deve fazer esquecer que esse mesmo regime foi aceito com reconhecimento por milhões de homens, que inúmeras cidades se formaram, prosperaram, à sombra da potência romana.⁷¹

Analisando as falas de Grimal e de Alföldy, mesmo com estes sendo provenientes de escolas historiográficas distintas, podemos concluir que Tácito, embora tenha vivenciado uma série de conflitos que se estenderam da casa imperial até as populações provinciais⁷², também vivenciou um período de apogeu, o “mais florescente” da história do Império Romano. Tácito não só viu o Império prosperar, como também participou do processo de integração dos novos cidadãos oriundos das Províncias. Ele próprio, através de sua família, participou diretamente deste processo. Embora não seja possível medir exatamente o quanto as diferentes

⁶⁷ Vida de Agrícola, As Histórias e parte de Anais.

⁶⁸ GRIMAL, 2011, p. 162.

⁶⁹ STRAUSS, 2015, pp. 33-46.

⁷⁰ SYME, 1958, p. 481.

⁷¹ GRIMAL, 2011, p. 139.

⁷² JOLY, 2014, p. 54.

situações políticas do cenário romano interferiram na vida de Tácito, ainda assim podemos encontrar pontos de contato e de distanciamento quando expomos paralelamente a imagem política de Roma e da biografia do político/escritor.

Tácito, ao contrário de outros escritores romanos, parece não ter parado a sua vida política para se dedicar exclusivamente a pesquisar e escrever. Embora sua obra, ou pelo menos o que chegou até nós, seja bem abrangente. Ele é então, nesse quesito, diferente da maioria dos grandes literatos latinos. É o que nos confirma Pagán:

O que este esboço cronológico revela com toda a força é que Tácito não se retirou para a biblioteca. Sua carreira política e sua produção literária se sobrepõem, fato que, acima de tudo, o distingue de outros historiadores antigos. Tucídides era um exilado, Políbio um refém, Salústio um rejeitado: história respeitável, assim parece, vem de forasteiros. Como corolário, a história questionável emana do interior: César, Veleio, Josefo. Portanto, o sucesso de Tácito como historiador e estadista enerva o leitor, especialmente desde que ele foi introduzido na vida política por Domiciano.⁷³ (Tradução livre)⁷⁴

A carreira literária de Tácito confunde-se assim com a sua carreira política. Parece impossível estabelecermos uma separação clara entre o Tácito escritor e o Tácito político.⁷⁵ Segundo Funari e Garraffoni, a obra literária de Tácito teria sido escrita na seguinte ordem:⁷⁶

- * Vida de Agrícola: 96-98 d.C.
- * Germânia: 98 d.C.
- * Diálogo dos Oradores: 102-107 d.C.⁷⁷
- * Histórias: 105-110 d.C.
- * Anais: 111-123 d.C.

É difícil estabelecermos um motivo certo pelo qual Tácito começou a se dedicar a escrita. Contudo, a cronologia de sua obra, que aponta para o fato de que

⁷³ PAGÁN, 2012, pp. 3-4.

⁷⁴ Citação original: What this chronological sketch reveals in full force is that Tacitus did not retire to the library. His political career and his literary output overlap, a fact which above all distinguishes him from other ancient historians. Thucydides was an exile, Polybius a hostage, Sallust a senatorial reject: respectable history, so it seems, comes from outsiders. As a corollary, questionable history emanates from the inside: Caesar, Velleius, Josephus. Therefore, Tacitus' success as a historian *and* a statesman unnerves the reader, especially since he was ushered into political life by Domitian.

⁷⁵ SYME, 1968.

⁷⁶ FUNARI; GARRAFFONI, pp. 94-95.

⁷⁷ Alguns estudiosos acreditam que foi escrito antes de 96 d.C.

Tácito escreveu primeiro *Agrícola* e *Germânia*, sugere que havia uma preocupação inicial em falar sobre assuntos relacionados às províncias. Momigliano coloca muito bem esta situação:

O próprio fato de ter Tácito escrito a *Agricola* e a *Germania* em 98 d.C., antes de *Historiae* e dos *Annales*, demonstra que no início de sua carreira como historiador ele desejava colocar algumas questões fundamentais a respeito do governo provincial romano. Mas ele não desenvolveu completamente estes temas; tampouco desenvolveu o tema do declínio da eloquência fora do *Dialogus*. Qualquer desenvolvimento neste sentido teria significado uma completa ruptura com toda a tradição historiográfica de Roma. Politicamente, Tácito teria que desistir do convívio com a classe senatorial para a qual ele havia sido provavelmente o primeiro membro de sua família a se qualificar. Do ponto de vista historiográfico ele teria tido que repudiar as tradições da escrita analítica romana, limitada que era aos acontecimentos políticos e religiosos no sentido mais estrito. Podemos apenas especular a respeito da forma que teria tomado a obra histórica de Tácito se ele tivesse escolhido descrever as transformações lentas da vida intelectual de Roma e da vida tribal das províncias.⁷⁸

2.2.1 Vida de Agrícola

Em “Vida de Agrícola” – sua possível primeira obra – Tácito inicia falando sobre o seu desafio em escrever uma narrativa póstuma. Cita também as dificuldades e a falta de liberdade para escrever, “tempos tão duros e tão infestos aos valores”. Desta maneira ele inicia seu texto:

Passar à posteridade os feitos e costumes dos homens ilustres, o que era bem usado antigamente, nem sequer se deixou de fazer nos nossos tempos, época apesar de tudo bem descuidada de si, e isto de todas as vezes em que algum grande e nobre valor venceu e superou vício comum às grandes e pequenas colectividades, o da ignorância e aversão do justo. Mas, assim como noutros tempos havia mais inclinação e mais liberdade para actos dignos de memória, também os mais célebres pelo seu talento de perpetuar lembrança do valor eram movidos, não por favores ou ambições, mas tão somente pelo prêmio de uma boa consciência. Houve igualmente muitos que julgaram que o narrarem eles próprios sua vida era mais confiança em seus costumes que arrogância, e assim aconteceu, com verdade e sem desdouro, a Rutílio e a Scauro; a tal ponto se apreciam os valores o mais possível nos tempos em que lhes é fácil surgirem. Agora, porém, ao ir narrar a vida de um morto, é-me necessária uma indulgência que não pediria se fosse para acusar tempos tão duros e tão infestos aos valores.⁷⁹

⁷⁸ MOMIGLIANO, 2004, p. 164.

⁷⁹ Vida de Agrícola 1.

O autor, que diz escrever tal livro com o objetivo de honrar seu sogro Agrícola,⁸⁰ estabelece então uma narrativa de gênero misto⁸¹, próxima do encômio⁸² e da *uita*,⁸³ “Vida de Agrícola”, embora seja uma obra sobre a vida do sogro de Tácito, principalmente no que tange a sua atuação política na Britânia, é também uma obra que trata da “geografia, etnologia, agricultura e organização”⁸⁴ desta província. De acordo com Funari e Garraffoni:

Agrícola é uma obra de gênero misto, que engloba aspectos do encômio fúnebre, da biografia, mas também narrativas oriundas do gênero historiográfico, como a descrição de personagens, os discursos reportados e as narrativas de batalhas. Os capítulos iniciais contam a carreira de Agrícola até chegar ao governo da província da Britânia, seguidos de uma apresentação da Britânia e suas relações com Roma. A partir daí, descreve-se a ação do sogro, para concluir com um elogio final.⁸⁵

A parte final de “Vida de Agrícola”, um grande elogio de Tácito ao sogro, e que em certos momentos parece um discurso que lembra os discursos dos grandes funerais, mostra uma ênfase de Tácito em apresentar Agrícola como um homem digno de ser venerado e imitado.⁸⁶ Segundo Birley:

Não podemos ter certeza sobre os motivos de Tácito com este discurso ou com o trabalho como um todo. Mas ele certamente sentiu-se obrigado a lembrar seus contemporâneos sobre conquista de Agrícola: ele tinha conquistado o limite mais distante do mundo.⁸⁷ (Tradução livre)⁸⁸

Porém, segundo alguns estudiosos como Marques, essa obra também nos mostra a pretensão de Tácito de “construir a figura de Domiciano como um mau imperador”⁸⁹, o que teria sido feito através de diversos artifícios retóricos utilizados pelo autor ao longo da obra. Talvez ainda a necessidade de se escrever sobre Agrícola fosse não apenas uma atitude em prol da manutenção da memória do mesmo, para que ele jamais fosse esquecido, mas também uma necessidade de manter o prestígio

⁸⁰ Vida de Agrícola 3.

⁸¹ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 94.

⁸² Louvor, elogio.

⁸³ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 94.

⁸⁴ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 96.

⁸⁵ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 95.

⁸⁶ A Vida de Agrícola 46.

⁸⁷ BIRLEY, 2009, p. 58.

⁸⁸ Citação original: We cannot be certain about Tacitus' motives with this speech or with the work as a whole. But he surely felt compelled to remind his contemporaries of Agricola's achievement: he had conquered the furthest limit of the world.

⁸⁹ MARQUES, 2013, p. 146.

da família, que havia perdido sua figura principal. Tácito, um homem político formado em uma escola retórica, tinha as ferramentas necessárias para tal tarefa.

Os Brigantes já aparecem nesta obra. São citados conflitos principalmente por sua representatividade numérica e conflitos. Nos aprofundaremos nestas questões no próximo capítulo.

2.2.2 A Germânia

A obra de Tácito, conhecida como “A Germânia”, que trata dos “costumes públicos e privados dos germanos” e da “descrição mais sistemática de algumas das tribos” é uma obra de caráter mais etnográfico.⁹⁰ Muito embora não possamos enquadrá-la em um gênero literário muito bem definido:

A sua obra seguinte, publicada pouco tempo depois (98 d.C.), descreve os germanos, cujo título original talvez fosse, como aparece em manuscritos, “Sobre a origem e localização dos germanos” (*De origine et situ Germanorum*), ou, como era comum na Antiguidade, apenas *Germânia*, a primeira palavra do livro, conforme ficou conhecido na posteridade. Também neste caso a obra não está em um gênero literário antigo bem definido, como parte, talvez, da chamada prosa técnica.⁹¹

Embora Tácito, em alguns momentos, possa deixar transparecer um tom “etnocêntrico”⁹² que mostra os germanos como bárbaros⁹³, ele também faz certos “elogios” descrevendo uma suposta “pureza racial”⁹⁴ dos germanos. Algo que, na atualidade, com o avanço da ciência, nós sabemos ser algo totalmente incabível, já que a ideia de raça pura não tem mais a mínima credibilidade. De toda forma, analisando o relato de Tácito, percebemos que esta característica era admirada pelo mesmo, tanto que mereceu algumas linhas.⁹⁵ Assim como a “liberdade”⁹⁶ dos germanos.

Mesmo que não possamos ter certeza dos reais motivos que levaram Tácito a escrever “A Germânia”, não há dúvidas de que esta obra contribuiu para que ele

⁹⁰ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 96-97.

⁹¹ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 96.

⁹² Conceito moderno utilizado pela Antropologia.

⁹³ MELLOR, 1994, p. 15.

⁹⁴ Algo que acabou sendo usado pelos nazistas no século XX.

⁹⁵ A Germânia 4.

⁹⁶ A Germânia 37.

desenvolvesse a sua forma de escrever. Segundo Thomas, embora “A Germânia” não seja a grande obra de Tácito, ela era uma prévia dos seus trabalhos posteriores:

Instrução, devoção, exortação à conquista ou diatribe silenciosa contra Roma? Nós nunca saberemos com certeza, mas “A Germânia” está claramente ensaiando muito do que chegará à maturidade nas obras históricas maiores para vir. Pode não ser a obra-prima literária que essas obras claramente constituem, e sua recepção e infâmia no século XX são desproporcionais aos seus méritos reais, mas é em sua estranheza um estudo atraente, uma visão senatorial de uma cultura estrangeira, com Roma, igualmente estrangeira às vezes, sempre parte da mistura.⁹⁷ (Tradução livre)⁹⁸

“A Germânia”, mesmo não sendo considerada pela maioria dos estudiosos como a obra-prima de Tácito, não deve ser desprezada. Tanto é que sua relevância histórica posterior tem sido constantemente abordada em diversos trabalhos. Tácito certamente considerava os germanos como um povo importante, do contrário dificilmente teria empreendido tempo escrevendo sobre eles.

2.2.3 Diálogo dos Oradores

A obra “Diálogo dos Oradores”, diferentemente das demais obras de Tácito, foi escrita em uma linguagem que os estudiosos chamaram de neociceroniana⁹⁹. Segundo Rezende, a fórmula de diálogo seria bem conhecida entre os autores antigos:

A fórmula de diálogo é estratégia amplamente conhecida e empregada por autores antigos, por exemplo, Platão, Aristóteles e Cícero, para a exposição de ideias, principalmente aquelas que suscitam maiores questionamentos, pontos de vista conflitantes, enfim, ideias mais complexas. Além de permitir o confronto de opiniões, o diálogo pode ser utilizado para pôr em prática metodologias didático-pedagógicas, ou ainda reforçar questões de natureza crítica.¹⁰⁰

O fato de Tácito ter adotado esse estilo em “Diálogo dos Oradores” foi um dos motivos pelos quais durante bastante tempo se questionou se essa obra foi

⁹⁷ THOMAS, 2009, p. 72.

⁹⁸ Citação original: Instruction, delectation, exhortation to conquest or muted diatribe against Rome? We will never know for sure, but the Germania is clearly rehearsing much that will reach maturity in the larger historical works to come. It may not be the literary masterpiece that those works clearly constitute, and its reception and infamy in the twentieth century are out of proportion to its actual merits, but it is in its very strangeness an attractive study, a senatorial view of an alien culture, with Rome, equally alien at times, always part of the mix.

⁹⁹ OAKLEY, 2009, p. 195.

¹⁰⁰ REZENDE, 2014, pp. 14-15.

realmente escrita por ele. Além disso, outra discussão em torno dessa obra seria a data de sua produção. De acordo com Funari e Garraffoni:

O diálogo dos oradores tem gerado, desde sempre, discussões sobre a autoria, ou não, de Tácito, por seu estilo ciceroniano que em tudo contrasta com o restante dos textos do autor. [...]

Talvez fosse obra de sua juventude, quando ele desfrutava de sua formação oratória clássica, e em tempos “perigosos”, que desaconselhavam críticas diretas aos poderosos. Isso explicaria uma redação precoce, antes de 96 d.C., e a publicação tardia, entre 102 e 107 d.C.¹⁰¹

A temática central abordada por Tácito em o “Diálogo dos Oradores” seria a importância da oratória e o seu declínio. De acordo com Tácito, “a nossa época, realmente, como que abandonada, como que órfã da glória da eloquência, mal conserva o nome de orador”, ou seja, Tácito abre o Diálogo com uma lamentação, em uma sentença que demonstra grande saudosismo de uma época anterior. Sabemos então que a oratória estava mesmo em declínio e que uma de suas causas seria a mudança na lógica educacional:

O declínio da oratória teve causas, e a educação teve parte nisso, pois, entre os antigos, ela era humanística, enquanto a mais recente é pragmática e profissional. A oratória era vital na *libera res publica*, havia amplo campo de atuação, mas tudo mudou nos tempos recentes, tornando-se quase supérflua.¹⁰²

Embora seja comumente relacionado como uma das chamadas “obras menores” de Tácito, o “Diálogo dos Oradores” constitui parte importante de sua obra. Através dele podemos encontrar um pouco mais do Tácito amante da retórica, que apresenta uma linguagem diferenciada, mas que ao mesmo tempo está em sintonia com as demais obras do autor.¹⁰³

2.2.4 As Histórias

Em “As Histórias”, Tácito inicia a sua jornada rumo a uma pesquisa de caráter *stricto sensu*. É evidente que esta obra atinge uma robustez que as anteriores, mesmo sendo importantes, não alcançaram. Tanto pelo volume de texto, quanto

¹⁰¹ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, pp. 98-99.

¹⁰² FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 99.

¹⁰³ JOLY, 2014, p. 12.

pela abrangência. Tácito já se revelava aqui como um escritor mais maduro, com objetivos claros. Conforme nos falam Funari e Garraffoni:

As suas obras de maturidade plena são historiográficas *stricto sensu*, a começar pelas Histórias, que chegaram fragmentárias até nós. Dos seus 12 livros, temos os quatro primeiros, parte do quinto, referentes aos eventos da crise 69 e à maior parte do ano 70. A obra cobria o período entre 69 e 96 d.C., terminando com a morte de Domiciano, um período de acentuação do poder discricionário e de ascensão social de equestres e libertos imperiais, segundo a percepção de boa parte dos senadores e de Tácito.¹⁰⁴

Como podemos ver, conforme relatado acima, boa parte destes textos se perderam. Algo comum entre os textos antigos. É em “As Histórias” que Tácito emprega já de maneira mais forte o estilo narrativo com características que o diferenciaram enquanto escritor. Utilizando-se por vezes de imagens, paralelismos e comparações.¹⁰⁵ Algo que abordaremos melhor nos próximos capítulos, mas muito perceptível quando ele escreve sobre os Brigantes. Este trabalho, que foi escrito durante o período do governo de Trajano, certamente estava em andamento no ano 107, quando Plínio O Jovem faz menção a ele em uma de suas cartas. É o que nos confirma Woodman:

Este trabalho maior, que conhecemos como As Histórias e que cobriu eventos dos anos 69-96, mas excluiu o tempo presente, estava em andamento em torno de 107, pois essa é a data aproximada da carta em que Plínio se refere a ela (Ep 7.33.1). Nas Histórias (1.1.4) Tácito repetiu sua promessa de escrever sobre o tempo presente, [...]¹⁰⁶ (Tradução livre)¹⁰⁷

Como citado acima, Tácito repetiu a sua promessa de escrever uma obra onde o tempo presente estaria contemplado. Algo que acabou não se confirmando em sua obra posterior. Em “As Histórias”, segundo Tácito, o trabalho que ele empreende contempla uma época fértil em desastres¹⁰⁸, mas também uma época de ações generosas¹⁰⁹. Personagens Brigantes são apresentados, contribuindo para que ele desenvolva sua narrativa.

¹⁰⁴ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 100.

¹⁰⁵ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 107.

¹⁰⁶ WOODMAN, 2009, p. 31.

¹⁰⁷ TRADUÇÃO LIVRE: This larger work, which we know as the Histories and which in the event covered the years 69–96 but excluded the present time, was in progress around 107, since that is the approximate date of the letter in which Pliny refers to it (Ep. 7.33.1). In the Histories (1.1.4) Tacitus repeated his promise of writing about the present time, [...]

¹⁰⁸ As Histórias 1:2.

¹⁰⁹ As Histórias 1:3.

2.2.5 Anais

O último trabalho realizado por Tácito - que temos notícia - ficou conhecido como “Anais”. Um tipo de obra que fazia o registro de importantes acontecimentos ano a ano. Esta obra também está disponível, hoje, de forma incompleta. Embora acredite-se que era composta originalmente por 18 livros¹¹⁰, chegaram até nós apenas alguns livros inteiros e fragmentos de outros:

A última obra que chegou até nós ficou conhecida como “Anais”, ou “desde a morte do Divino Augusto” (*Annalium ab excessu diui Augusti libri*). Cobria, em 18 livros, o período que ia da morte de Augusto, em 14 d.C., até a de Nero, em 68. Sobraramos os quatro primeiros livros, parte do quinto, a maior parte do sexto, com a perda do início, e os livros 11 a 16, faltando o início do 11 e final do 16. Tais livros cobrem, portanto, os principados de Tibério (14-37 d.C.), os anos finais de Cláudio (47-54), os primeiros 12 anos de Nero (54-66 d.C.).¹¹¹

De acordo com Funari e Garraffoni, “Anais” teria sido escrito entre os anos 111 e 123.¹¹² Já Woodman entende que esta obra seria posterior ao ano 113, quando Tácito retornou de seu período como procônsul da Ásia.¹¹³ Mesmo havendo esta pequena divergência, ambos entendem que “Anais” começou a ser escrita na primeira metade da década de 110 d.C. Esta pequena divergência de datas não afeta significativamente nossa análise. Em ambas as perspectivas Tácito teria iniciado a produção da obra em questão nos anos finais do governo de Trajano.

Tácito faz questão de abrir o Livro I falando sobre sua tentativa de empreender uma história comprometida com a verdade, sem ira e sem lisonja.¹¹⁴ Percebemos assim uma preocupação do autor em deixar claro que não há qualquer intenção do mesmo de adulterar acontecimentos através de sua narrativa. Um lance inicial interessante que busca trazer o leitor para o seu lado do primeiro até o último livro.

Algo importante de registrar é que em “Anais”, permanece a preocupação de Tácito em escrever sobre assuntos que abordem a relação entre os Imperadores e o Senado. Neste trabalho, especificamente, o espaço dedicado a assuntos senatoriais

¹¹⁰ BENARIO, 2012, p. 104.

¹¹¹ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 101.

¹¹² FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 95.

¹¹³ WOODMAN, 2009, p. 31.

¹¹⁴ Anais 1: 1.

é ainda maior do que nos trabalhos anteriores.¹¹⁵ A história das províncias também é abordada. Os Brigantes aparecem em situações envolvendo conflitos e traições.

2.3 Tácito como historiador

Após termos abordado brevemente cada um dos trabalhos literários de Tácito, procuraremos responder a algumas questões que envolvem a opção do mesmo em desenvolver trabalhos historiográficos e sobre a tradição historiográfica em que ele estava inserido.

É difícil de estabelecermos os motivos claros pelos quais Tácito fez opção pela historiografia. De acordo com Mellor:

O orador e senador primeiro se voltou para a história como uma fuga dos terríveis últimos anos de Domiciano. Ele viu que a oratória estava inevitavelmente corrompida sob a tirania. E como Políbio ele acreditava que a história deveria ser escrita por políticos experientes. **Tácito certamente tinha as qualificações necessária para um historiador: “insight” psicológico, perspicácia política, acesso as fontes, uma liderança de estilo flexível e sutil e uma vasta cultura literária.** Na Roma antiga e nos dias de hoje, história (ou memórias) pode ser o veículo da raiva ou amargura de políticos desapontados que buscavam dar continuidade a sua vida pública através de seus escritos. Nas duas décadas após o seu consulado Tácito produziu cinco livros que demonstram a sua crescente sofisticação histórica e sua virtude estilística. Apesar do seu aparente tradicionalismo o corpo do seu trabalho demonstra que Tácito era o mais experimental e aventureiro de todos os historiadores antigos.¹¹⁶ (Tradução livre)¹¹⁷

Quer tenha sido esta opção um artifício político para construir uma imagem do passado, principalmente no que tange a uma forma de arruinar a imagem de seus inimigos, ou então inicialmente, como disse Mellor, “uma fuga dos terríveis últimos anos de Domiciano”, sabemos que Tácito não apenas se assumiu como historiador, mas desejou executar tal tarefa com certo zelo. Tarefa que de acordo com a tradição

¹¹⁵ OAKLEY, 2009, p. 184.

¹¹⁶ MELLOR, 1994, p. 10.

¹¹⁷ Citação original: The oratory and senator first turned to history as an escape from the terrible last years of Domitian. He saw that oratory was inevitably corrupted under tyranny and, like, Polybius, he believed that history should be written by experienced politicians. Tacitus certainly had the necessary qualifications as a historian: psychological insight, political acumen, access to sources, a command of a supple and subtle style, and a wide literary culture. In ancient Rome, as in our own day, history (or “memoirs”) could be the vehicle for the rage and bitter wit of disappointed politicians who sought to continue their public life through their writings. In the two decades after his consulship, Tacitus produced five books, which demonstrate his increasing historical sophistication and stylistic virtuosity. Despite his seeming traditionalism, his body of work shows Tacitus to be the most experimental and adventurous of all ancient historians.

romana estava relacionada com a arte de narrar. Não apenas em Roma a história, como todo gênero discursivo, pertencia ao campo da retórica, mas na Antiguidade.¹¹⁸

É muito provável que a retórica tenha surgido no século V a.C., na região da Sicília, tendo sido posteriormente aperfeiçoada pelos gregos. Foi em sua obra “Retórica”, que o filósofo grego Aristóteles sistematizou e apresentou os fundamentos para o estudo da mesma. Desde então, a retórica passou a fazer parte das reflexões dos filósofos gregos, ganhando importância e se disseminando entre estes “intelectuais”¹¹⁹ da pólis. As formas de se organizar um discurso estavam naquele momento voltadas para que fossem altamente persuasivas. Com o passar do tempo a retórica, que inicialmente estava voltada para a oratória, passou a ser utilizada também através da escrita. Como parte deste processo a escrita da história se apresentou como um ramo da retórica. É isto que nos apresenta Joly:

Na Grécia e Roma antigas, as regras eram outras. A história era tratada no âmbito da retórica, estando, portanto, sujeita a determinadas normas de confecção do discurso, normas que a aproximavam e/ou a afastavam de outros domínios, como a poesia e a filosofia. E o próprio estatuto do historiador diferia bastante daquele que hoje nos é conhecido. Na Antiguidade a escrita da história foi, em geral, prerrogativa de homens que se dedicavam à política, o que de antemão já circunscrevia os temas a serem tratados e os objetivos de suas obras.¹²⁰

Woodman também confirma esta informação:

A historiografia foi considerada pelos antigos não como essencialmente diferente da poesia: cada qual era um ramo da retórica e, portanto, a historiografia, assim como a poesia, empregava os conceitos associados e dependia das expectativas geradas por um gênero retórico.¹²¹ (Tradução livre)¹²²

Tendo em vista que a retórica se difundiu também durante o período de dominação romana, muitos historiadores latinos escreveram suas obras se utilizando desta arte, que como uma escola já estava difundida entre muitos intelectuais e políticos do Império. Dentre eles podemos citar nomes importantes como Marco Túlio Cícero, Tito Lívio, Públio Cornélio Tácito e Marco Fábio

¹¹⁸ AZEVEDO, 2014, p. 99.

¹¹⁹ O termo é utilizado entre aspas para que a atividade intelectual na Antiguidade não seja confundida de forma anacrônica com termo utilizado durante os séculos XIX, XX e XXI.

¹²⁰ JOLY, 2007, p. 8.

¹²¹ WOODMAN, 1988, p. X.

¹²² Citação original: Historiography was regarded by the ancients as not essentially different from poetry: each was a branch of rhetoric, and therefore historiography, like poetry, employs the concepts associated with, and relies upon the expectations generated by, a rhetorical genre.

Quintiliano. Todos se utilizando da retórica em seus textos e discursos, mas cada qual com características específicas, o que fica claro quando analisamos as formas de argumentação e organização textual de cada um.

A retórica foi extremamente importante neste contexto romano de produção historiográfica, já que para os romanos a escrita da história adquiriu status de “exemplaridade”¹²³. Isso significa que para os romanos a história tinha a função de ensinar algo. Esta função pedagógica da história foi apresentada com clareza por Cícero quando em sua obra *De Oratore*, datada do ano de 55 a.C., este se utilizou da expressão *Historia Magistra Vitae*, expressão latina provavelmente cunhada pelo mesmo, onde a história é colocada como “mestra da vida”, um grande modelo que apresenta variantes e nuances de historiador para historiador e de trabalho para trabalho. De acordo com Koselleck:

Cícero, referindo-se a modelos helenísticos, cunhou o emprego da expressão “*historia magistra vitae*”. A expressão pertence ao contexto de oratória; a diferença é que, nesse caso, o orador é capaz de emprestar um sentido de imortalidade à história como construção para a vida, de modo a tornar perene o seu valioso conteúdo de experiência. Além disso, o uso da expressão está associado a outras metáforas, que reescrevem as tarefas da história. “*Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati commendatur*”. [A história é a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mensageira da velhice, por cuja voz nada é recomendado senão a imortalidade do orador]. A tarefa principal que Cícero atribui aqui à historiografia é especialmente dirigida à prática, sobre a qual o orador exerce sua influência. Ele se serve da história coleção de exemplos – “*plena exemplorum est historia*” [a história é cheia de exemplos] – a fim de que seja possível instruir por meio dela. Faz isso, sem dúvida de forma ainda mais vigorosa do que o fez Tucídides, ao chamar a atenção para o proveito que emanava de sua obra, quando legou para sempre sua história como patrimônio, como um bem inextinguível, para que se pudessem reconhecer os futuros casos semelhantes.¹²⁴

Segundo Cícero esta capacidade da história em ser mestra, paradigmática, modelar e exemplificadora daria aos homens a capacidade de iluminar o seu futuro através do conhecimento da mesma. “De um ponto de vista político prático.”¹²⁵ Diferentemente do antigo modelo grego de se escrever história, onde essa tinha a função de elevar os grandes feitos dos helênicos e distingui-los dos bárbaros, a “história mestra da vida” teria esta capacidade de orientar e ensinar. No entanto, em ambos os casos, o grego e o romano, podemos observar que a escrita da história

¹²³ Constrói-se um modelo a partir de um exemplo.

¹²⁴ KOSELLECK, 2006, pp. 43-44.

¹²⁵ KOSELLECK, 2006, p. 45.

apresenta pontos de construção identitárias muito fortes. Algo que apontaremos em um próximo capítulo.

Tácito, à princípio, parece que conhecia bem os historiadores romanos anteriores a ele. Como bem disse em “As Histórias”, “os oitocentos e vinte anos que decorreram desde a fundação de Roma foram narrados por muitos escritores com igual eloquência e franqueza”.¹²⁶ É o exemplo destes escritores que Tácito admirava, que ele provavelmente tentou seguir. De acordo com Momigliano:

Tácito jamais pretendeu ser um historiador com um método próprio, como fizeram Tucídides ou Políbio. O que reivindicou para si – escrever *sine ira et studio* e desprezar detalhes triviais – pertence às convenções da historiografia greco-romana. Ele aceita o padrão da escrita analítica romana; ele deixa claro que estudou o seu Salústio, César e Lívio. Não pretende ser um inovador. Nem os temas que escolhe nem os materiais que utilizou eram novos ou particularmente difíceis de manejar.¹²⁷

Porém, mesmo sem ansiar por ser um inovador, Tácito foi um experimentalista, na medida que experimentou escrever obras de gêneros literários distintos:

Entretanto, em um outro sentido, Tácito é um dos historiadores da antiguidade mais experimentais. Apenas Xenofonte, entre os historiadores cujas obras chegaram até nós, pode ser comparado a ele nesse respeito. Xenofonte tentou a biografia, a novela histórica, a história militar com elementos autobiográficos, a simples narrativa histórica e, finalmente, a coleção de ditames filosóficos. Superficialmente, Tácito não é tão multifacetado. Ele tentou apenas a biografia, a etnografia, a discussão histórica sobre o declínio da eloquência e, finalmente, a simples narrativa analista. Mas quase todos os seus experimentos são complexos. Cada grande experimento inclui outros experimentos.¹²⁸

O fato é que a obra historiográfica de Tácito foi e é tão importante que alguns estudiosos, como Benario, consideram-na como “talvez o maior triunfo da historiografia latina”¹²⁹.

Embora Tácito tenha sido um historiador, precisamos ter o cuidado em não cairmos em um anacronismo de imaginar que o historiador da Antiguidade fosse como o historiador dos Séculos XX e XXI, por exemplo. O próprio lidar deste historiador da Antiguidade com as fontes era um processo diferente. Falemos então sobre as fontes utilizadas por Tácito. Segundo Momigliano:

¹²⁶ As Histórias 1: 1.

¹²⁷ MOMIGLIANO, 2004, pp. 162-163.

¹²⁸ MOMIGLIANO, 2004, p. 163.

¹²⁹ BENARIO, 2012, p. 115.

Precisamos resistir a qualquer tentativa de apresentar Tácito como um pesquisador de documentos originais no sentido em que tem para nós um historiador do século 20. Sabemos que os historiadores antigos normalmente realizaram pesquisas a respeito dos eventos contemporâneos sobre os quais eram os primeiros a descrever: Plínio, o Jovem, amigo de Tácito, confirma esta prática. Tácito, sem dúvida, lera com cuidado as *acta senatus* e as *acta diurna* – os registros das reuniões do Senado e o jornal da cidade – para o período de Domiciano que havia desbravado. Mas não podemos concluir sem boas razões que ele teria feito o mesmo sistematicamente para o período que vai de Tibério a Tito, para o qual podia utilizar fontes literárias.¹³⁰

Sabemos que Tácito consultava memórias de pessoas e de famílias de seu círculo social. Algo que poderia ser feito de forma presencial, ou através de cartas, como no caso do relato de Plínio sobre a erupção do Vesúvio. Certamente também consultou alguns documentos oficiais, histórias e biografias. Contudo, nem sempre é clara a proveniência das informações fornecidas por Tácito.¹³¹

A abrangência da pesquisa original de Tácito está destinada a preservar a dúvida e a controvérsia porque apenas em alguns casos possuímos evidências suficientes para chegar a ela. Por exemplo, não podemos dizer onde Tácito encontrou sua informação sobre o debate entre Helvidio Prisco e Eprio Marcelo que hoje aparece com destaque nas *Historiae*, Livro IV. Ele pode ter lido a esse respeito nas *acta senatus*, mas com maior probabilidade na biografia de Helvidio Prisco que fora escrita por Herenio Senecio. Com efeito, Tácito pode ter simplesmente fundamentado seu relato na obra de outro historiador que já havia usado a biografia de Helvidio escrita por Herenio Senecio. O que podemos dizer é que de acordo com a documentação que hoje possuímos não há nada que sustente uma imagem anacrônica de Tácito passando as manhãs consultando os arquivos do Senado romano.¹³²

Sendo assim, podemos afirmar que não havia a preocupação de Tácito em informar as suas fontes.¹³³ Algo comum entre os historiadores da Antiguidade.

2.4 Posteridade e receptividade da obra de Tácito

Falar da receptividade da obra de um autor nem sempre é algo fácil. No caso de Tácito isso não é diferente. Sabemos que a obra de Tácito não foi apenas lida entre os seus contemporâneos, mas ganhou novo fôlego durante a modernidade. Provavelmente atingindo maior relevância durante este período.

¹³⁰ MOMIGLIANO, 2004, pp. 158-159.

¹³¹ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, pp. 109-120.

¹³² MOMIGLIANO, 2004, p. 161.

¹³³ Embora seja algo óbvio para os especialistas, parece importante deixar isto claro, pois existe a possibilidade de que este trabalho possa ser acessado, futuramente, por um leitor comum.

Começemos então falando da receptividade da obra de Tácito na Antiguidade. Quem seriam os seus leitores? Para quem ele escrevia? Quem tinha acesso as suas obras?

Sabemos que um dos leitores dos escritos de Tácito na Antiguidade era Plínio O Jovem. Se referindo ao período de composição de “As Histórias”, Funari e Garraffoni nos falam sobre isso, citando trecho de uma das cartas escritas por Plínio:

Plínio dá algumas dicas de que acompanhava ou mesmo lia a obra em sua composição (Plínio, Cartas 7, 33, 1: *Auguror nec me fallit augurium, historias tuas immortales futuras* – “Auguro e não me falhará o augúrio que tuas Histórias serão imortais”).¹³⁴

Alguns romanos mais “abastados” possuíam bibliotecas particulares, mas havia também em Roma algumas bibliotecas públicas. A primeira biblioteca pública romana que temos notícia teria sido construída no Fórum Romano, no ano 39 a.C.¹³⁵ Porém, como estas bibliotecas não existem mais e nem deixaram um catálogo de suas obras, não podemos saber exatamente onde as obras de Tácito estavam disponíveis e quem tinha acesso a elas.

No entanto, alguns estudiosos chegaram à conclusão de que Tácito embora fosse muito conhecido em seu tempo, por ser uma figura pública, não foi considerado um autor muito popular em seu tempo. Durante os quatro séculos que se seguiram, após a morte de Tácito, são encontradas poucas referências e citações de sua obra. Amiano Marcelino, historiador do quarto século, declarou em seu trabalho que iria dar prosseguimento aos fatos narrados por Tácito. Jerônimo em uma nota também fez uma citação a obra de Tácito. Fora isso, não existem fontes suficientes que sustentem a hipótese de Tácito ser um autor popular na Antiguidade. Sabemos que o Imperador Marco Cláudio Tácito (275-276 d.C.) ordenou que fossem feitas novas cópias das obras de Tácito e colocadas em bibliotecas públicas, pois sua obra estaria caindo em esquecimento.¹³⁶ Para além disso, seria necessária uma análise mais profunda das obras dos autores posteriores a Tácito, através da utilização de ferramentas de mineração de texto¹³⁷, onde poderia ser realizada uma comparação entre os escritos de Tácito e destes autores.¹³⁸ Este tipo de trabalho

¹³⁴ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 93.

¹³⁵ SANTOS, 2012, pp. 178-180.

¹³⁶ MARTIN, 2009, pp. 241-242.

¹³⁷ LIN, 2012.

¹³⁸ A mineração de textos é mais do que uma simples busca textual, mas um conjunto de novas técnicas que possibilita diferentes tipos de pesquisa. Podemos através da mineração de textos

talvez pudesse medir o impacto real da influência da obra de Tácito na Antiguidade, mas não temos notícias de que um trabalho destes já tenha sido realizado.

É claro entre os estudiosos que a obra de Tácito foi preservada principalmente pelo trabalho de cópias de manuscritos realizadas por monastério beneditinos de Monte Cassino (Itália), Fulda e Hersfeld (Alemanha). Hoje, boa parte dos antigos manuscritos das obras de Tácito se encontram na Biblioteca Medicea Laurenziana, em Florença, Itália.¹³⁹ Devemos aos monges copistas medievais a possibilidade de, hoje, termos acesso a boa parte das obras literárias produzidas pelos escritores da Antiguidade.¹⁴⁰ Sem estas cópias a obra de Tácito teria se perdido por completo e nosso trabalho sobre os Brigantes não seria uma tarefa possível.

É importante lembrarmos que a primeira cópia impressa do trabalho de Tácito foi realizada por Vindelino de Spira, em Veneza, no ano de 1470. De lá para cá muitas versões impressas foram publicadas não apenas em Latim, mas também em diversas outras línguas, já que a tradução dos textos clássicos tem se tornado algo comum, dada a importância atribuída a estes autores da Antiguidade e suas obras durante a Modernidade e a Contemporaneidade.

2.5 Considerações

Como pudemos observar, a vida política de Tácito se confunde com sua trajetória enquanto historiador. Ele não faz separação plena entre a atividade política e o trabalho como escritor. O contexto da fala de Tácito é o do cidadão romano, apaixonado pela oratória, político oriundo de família emergente, que procura em seus trabalhos apresentar uma perspectiva sobre a vida em Roma e suas províncias. Agora que sabemos sobre a vida e a obra do homem que escreveu sobre os Brigantes, passemos para a análise mais aprofundada de seus textos.

levantar novas questões, construir novas formas de pesquisas, elaborar novas hipóteses. De acordo com Lin, tais ferramentas permitem que diferentes metodologias coexistam na área de Humanidades, e é aí que a mineração de texto nos leva a um novo paradigma transdisciplinar.

¹³⁹ MARTIN, 2009, pp. 242-248.

¹⁴⁰ WOODS JR., 2008, pp. 39-42.